

Ministério da Cultura e Banco do Brasil apresentam



**UNIVERSO DO
CINEMA
INDIANO**



De 29 fevereiro à 11 março 2012

No início no século XX, os irmãos Lumière encantavam espectadores com as primeiras projeções da imagem em movimento, iniciando a trajetória ocidental da sétima arte. Na mesma época, surgia no Oriente um cinema, também ligado ao teatro, para contar lendas e histórias mitológicas de deuses e heróis do povo. Assim começava a história do cinema indiano, a maior indústria cinematográfica do mundo.

Uma das grandes potências mundiais em ascensão, a república da Índia, ao longo dos séculos, sofreu invasões de vários povos até tornar-se uma nação independente no ano de 1947, com 28 estados. A cultura indiana passou por transformações, porém sua peculiaridade manteve-se intacta e diversa em cada região do País. Essa característica vem influenciar diretamente o cinema da Índia, que carrega a cultura e particularidades dos locais de origem sem deixar de acompanhar o ritmo de desenvolvimento do novo milênio.

Atualmente, o cinema indiano ultrapassa o número de 1000 produções a cada ano e contempla os vários mercados indianos de cinema com seus públicos, línguas e características locais.

Integralmente em película, a mostra **BHAVA: Universo do cinema indiano**, apresentada pelo Ministério da Cultura e Banco do Brasil, traz recentes produções de mestres do cinema da Índia, como Adoor Gopalakrishnan e Girish Kasaravalli, grandes sucessos de jovens cineastas que se destacam nas diversas indústrias do país, e também joga luz às diretoras mulheres ao trazer clássicos de Mira Nair e Sumitra Bhava.

Os cinéfilos terão a oportunidade de mergulhar no universo imagético indiano e deparar-se com o inusitado, descobrindo um cinema que encanta plateias enormes e se expande além de suas fronteiras, a partir de uma seleção que abre o leque do cinema da Índia, indo muito além de Bollywood, uma de suas muitas indústrias.

Com **BHAVA: Universo do Cinema Indiano**, o Centro Cultural Banco do Brasil convida o público a conhecer temáticas relevantes para a sociedade contemporânea, a partir do olhar sensível de uma cultura audiovisual muito antiga, porém pouco conhecida por nós brasileiros. Uma oportunidade inédita para mergulhar em histórias de conflitos e prazeres, paixões e fantasias.

Centro Cultural Banco do Brasil





Fragrâncias do Cinema Indiano

Bhava é uma celebração do cinema indiano com o melhor que temos a oferecer aos brasileiros. A mostra é uma ampla oportunidade para uma experiência profunda na beleza, sabedoria e contrastes da Índia através dos tons e novos estilos da produção audiovisual contemporânea.

A indústria de cinema da Índia é a maior do mundo, maior até mesmo que Hollywood, produzindo filmes principalmente em sete línguas oficiais do país. O Cinema Híndi, popularmente conhecido como Bollywood, é apenas uma das indústrias indianas de cinema. Grandes marcos e mestres do cinema indiano pertencem a demais línguas e suas indústrias espalhadas em diferentes regiões como o Cinema Bengali (nordeste da Índia), o cinema Malayalam (estado de Kerala), Kannada (estado de Karnataka), Tâmil (estado de Tâmil Nadu), entre outros.

Bhava é uma poção cuidadosamente preparada misturando ingredientes raros de todos esses cinemas, com vários perfumes, humores e linguagens sensíveis, trazendo temas relevantes para a sociedade contemporânea. Os doze anos de convivência com os brasileiros, mostraram-me que temos muito a dividir e cooperar no cenário atual, e o cinema pode ser um caminho nessa aproximação.

Brasil e Índia são quase dois lados de uma mesma moeda. Temos tanto em comum como clima, ritmo, natureza, cores e problemas similares. É tempo de compartilharmos nossas experiências incomuns, para comunicarmo-nos uns aos outros de uma forma significativa, visando uma reciprocidade criativa.

Bhava é um passo firme nesse caminho, através de nossas histórias mostradas nas telas do nosso cinema, a mais poderosa forma de arte de todos os tempos. O cinema, acima de tudo, fala de pontos de vista e maneira de vermos a vida. Assim, essa mostra é um espaço para aprendermos novas lições. A interação cultural através do cinema irá beneficiar ambas as nações, desenhando novas diretrizes também ao resto do mundo.

Bhava oferece uma coleção de filmes integralmente em película, com os melhores trabalhos dos diretores mais inspiradores e promissores que lideram a concretização do cinema indiano relevante e consistente. A curadoria inclui importantes diretoras do país, dedicando uma homenagem especial ao olhar sutil e genuíno das mulheres indianas.

Os temas dos filmes são diversos, questionadores, instigantes e nos levam a reflexão de questões inerentes para qualquer cultura, carregando ainda as peculiaridades de sua região de origem. A Índia tem uma tradição milenar de narrar histórias, e nosso cinema ainda continua contando as mesmas histórias milenares, sob uma perspectiva contemporânea e inovadora, rompendo suas barreiras culturais e se espalhando pelo mundo. Num mundo onde tudo se perece, quanto mais peculiares forem as histórias, maior é o impacto e curiosidade pelas mesmas. E nesse aspecto, o cinema indiano e brasileiro podem atingir altos níveis de criação e inovação, trazendo ao mundo nossas alegorias e exclusividades.

A Índia é a maior democracia do mundo com uma população de mais de 1 bilhão de habitantes, formada por regiões multiculturais, divididas em 28 estados, com 17 línguas oficiais e mais de mil dialetos. E assim também é a diversidade criativa de sua linguagem audiovisual que produz mais de mil filmes a cada ano!

Cinema significa muito para nós indianos, por isso também, o número de salas de exibição e espectadores é o maior do mundo. Cinema é parte integral da mente e modo de viver indiano, interagindo em todas as esferas da vida diária, incluindo ricos e pobres, urbanos e rurais, jovens e velhos, sem distinção.

Fazer cinema na Índia é comunicar com a linguagem do coração, repleta de ritmos e melodias que cumprem importante papel, e são características dominantes da tradição cinematográfica e dramática do país. Esta arte interage com o universo sonhador infinito, característico de nossa cultura. E para qualquer indiano, viver sem cinema, é como viver sem as centenas de sabores e aromas das especiarias, e não conseguimos imaginar a vida sem esses componentes extraordinários.

E que cada um possa carregar em sua memória as cores, sons e fragrâncias do cinema indiano!

Ananda Jyothi
Curador





Contando Estórias Indianas

O cinema indiano é um universo muito vasto, sendo um desafio dimensioná-lo! Precisamos entender primeiro, que a Índia é um país multicultural, formado por várias culturas. Cada região apresenta suas cores, perfumes, sabores e própria língua. Considerando de uma maneira um pouco simplista que a língua de um povo diz muito de sua forma de ver e entender o mundo, então na Índia existem pelo menos dezessete formas diferentes dessa visão, nas dezessetes línguas oficiais do país, além dos seus mais de 1200 dialetos. E assim é o cinema indiano, tendo suas principais indústrias, construídas em sete línguas principais.

Conhecer o cinema indiano, é mergulhar num universo quase infinito, na descoberta de uma cultura riquíssima em tradições e conceitos sobre a vida e a forma pela qual optamos nos relacionar com ela. A contação de estórias é uma tradição milenar na Índia, através da qual seu conhecimento filosófico, sua cultura e tradição são perpetuados há mais de cinco mil anos. É impossível imaginar a Índia sem suas estórias. Como exemplo temos o Mahabharata, o maior épico de todos os tempos, que conta as centenas de estórias entrelaçadas por várias gerações.

Num primeiro momento, no início do século XX com o advindo do cinema, as estórias indianas contadas em seus teatros mitológicos, começaram a ser contadas no cinema, atingindo um público em grande escala. A partir daí seu cinema foi se desenvolvendo e criando as características de cada região. Dando um salto no tempo, o cinema indiano atual é multifacetado, e não poderemos interpretá-lo sem conhecer todas suas vertentes. Os cinemas regionais tornaram-se indústrias dinâmicas nos últimos 40 anos, com sua linguagem, seus astros e estrelas, seus grandes produtores, diretores e estúdios. Suas estórias são ao mesmo tempo dramáticas, sentimentais, inocentes, inteligentes, densas e sensíveis.

Essas indústrias têm muita força dentro do país, dominam seu mercado local a disputam o mercado nacional. Por exemplo, uma visita ao estado de Tâmil Nadu, proporcionou-me a compreensão da dimensão de seu cinema. Nos últimos 35 anos, os maiores políticos do estado são estrelas do cinema, atores, roteirista ou atrizes. Assistir um filme numa das 500 salas de cinema do estado, percebemos a intensa relação do público com essa arte, interagindo com o filme como se fizessem parte do mesmo. As maiores estrelas do cinema tâmil são idolatrados como grandes heróis, a ponto de serem aguardados por imensas multidões em suas aparições públicas.

São experiências como esta que nos fazem entender o que é e como funciona o cinema indiano, sem cairmos nos reducionismos e estigmas. Falar de cinema indiano é abrir um leque de linguagens audiovisuais. Prefiro evitar os rótulos que diferenciam “cinema comercial” de “cinema de arte”, para afirmar que na cinematografia indiana existem espetáculos audiovisuais que em sua grande maioria agradam seu público. E são suas próprias produções que fomentam e mantêm o mercado indiano de cinema, que se auto-regula e sustenta. Todo filme é bancado por um produtor, investidor, que vê naquele produto um potencial de mercado. As produções indianas acompanham as inovações tecnológicas e sua intensa produção de cinema se transforma ao longo das décadas.

O cinema contemporâneo indiano segue em várias direções e na mostra BHAVA: Universo do Cinema Indiano buscamos mostrar esses caminhos pelos quais fluem esta rica cinematografia!

Carina Bini

Idealizadora da Mostra

A Via Láctea do Cinema Indiano

Com todos os olhares voltados para a Índia como uma potência global em ascensão no mundo contemporâneo, seu cinema emerge como uma marca de sua civilização. É assim com a mais ampla significação que a atual mostra BHAVA: Universo do Cinema Indiano, de 35 filmes, a serem exibidos no Centro Cultural Banco do Brasil, se realiza, revelando não um, mas vários cinemas indianos. Essa pluralidade, que se traduz em centenas de filmes realizados em mais de dez línguas, retratando realidades humanas de diferentes regiões, abordando temas os mais diversos, assistidos por centenas de milhões de espectadores, não possibilitou ainda que sobre esse cinema se realizasse uma pesquisa abrangente e completa. “O estudo do cinema indiano se encontra na infância”, declara Rachel Dwyer, professora da Universidade de Londres e autora de obra recentemente lançada, intitulada Beyond the Boundaries of Bollywood: The Many Forms of Hindi Cinema, na qual analisa o cinema indiano para além de sua face mais conhecida, isto é, a cinematografia produzida no centro de Mumbai, conhecida por Bollywood. Pois, além deste, sabe-se existirem outros centros de realização cinematográfica responsáveis por consistentes linhas de produção, como, por exemplo, Cinema Tâmil (Estado de Tâmil Nadu), Cinema Malayalam (Estado de Kerala) ou Cinema Bengali (Estado da Bengala).

“A pesquisa torna-se impossível uma vez que é tão difícil até mesmo coletar material”, afirma Dwyer, ressaltando que, “por exemplo, mais de mil filmes se fizeram na Índia durante o cinema mudo mas apenas fragmentos de dezoito sobreviveram. Boa parte da indústria não está documentada, o que faz com que a história oral se torne vital para complementar as autobiografias. E o problema não reside apenas na história do cinema, já que não sabemos realmente o que as audiências estão assistindo”, conclui.

Nos anos 50, o primeiro-ministro Jawaharlal Nehru sonhava em criar uma Índia secular, moderna, democrática e industrializada. A nação, recentemente emancipada, estimulada pelo idealismo e a determinação, acreditava que tal sonho poderia realizar-se. Para o cinema esta foi a era dos mestres, que gerou uma renascença criativa e comercial, estabelecendo padrões que consolidariam o futuro da indústria. O período viu surgirem grandes diretores: Bimal Roy, Guru Dutt, Raj Kapoor, mas a grande estrela dos realizadores foi indiscutivelmente Satyajit Ray, de Calcutá, que, em 1955, ganharia a Palma de Ouro de Cannes por seu Pater Panchali que retratou com rigor neo-realista a vida nas panchayats (vilas), que Gandhi preconizara romanticamente como o ideal social e existencial do país.

Em 1957, chega às telas Mother Índia, de Mehboob Khan, que se tornaria “o maior clássico de todo o cinema indiano”, no dizer da historiadora e crítica Geeti Sen(*). Seu sucesso deve-se ao marco ideológico do país que identificou a mulher com a natureza e o solo indiano, de maneira a construir uma poderosa correlação entre mãe biológica e a primitiva mãe terra. Segundo Sen, o filme oferece “o menos glamoroso de todos os papéis: uma camponesa identificada com a terra e sua vila, mas igualmente com seu papel biológico, sobrevivendo sozinha para criar seus quatro filhos.” “Tais referências”, continua a crítica, “são absorvidas pelo público indiano, não





como um retrato da 'realidade', mas como um reforço a suas próprias crenças." "Filmes populares indianos (tanto ontem quanto hoje) operam num nível de atualização dos protótipos míticos, reiterando a fusão mágica do mito com a realidade", afirma Sen.

Em contraste com o cinema de um Satyajit Ray, por exemplo, a vertente representada por Mother Índia e outros filmes do gênero, em que soluções narrativas ocorrem por intervenção dos deuses a intervalos regulares, endossam de forma efetiva modelos de comportamento emocional coletivos, tanto quanto refletem o ethos social. Atraindo multidões a grandes salas de projeção, tais filmes, conclui Geeti Sen, "elevam o status de divindades regionais a um culto pan-indiano, não raro com a própria audiência se prostrando ao chão em reverência aos deuses de celulóide." Juntamente com a religião hinduísta e o cricket, o cinema constitui hoje na Índia um poderoso fator de fortalecimento da identidade nacional, cuja importância pode ser medida pelo tamanho de sua população (1.2 bilhão) e a diversidade cultural e linguística.

Dessa época aos dias de hoje o país e o cinema se transformariam, os ideais gandhianos cederam ao avanço do desenvolvimento econômico nos moldes ocidentais e sua indústria cinematográfica tornou-se a maior do mundo. Graças à fidelidade de seu público decorrente da arraigada identidade do povo com a sua cultura, particularmente religiosa, o cinema indiano é auto-sustentável. Cada produção é em geral um produto comercial que conta com a numerosa bilheteria das milhares de salas espalhadas pela Índia e demais países onde colônias de imigrantes indianos têm nesses filmes muitas vezes o seu único vínculo com a terra natal. Esse atraente mercado acabou por atrair a atenção de grandes companhias internacionais como Walt Disney Pictures, Sony Pictures e outras que mantêm estruturas de produção na Índia.

Como se vê, o cinema indiano, assim como a própria Índia, é uma Via-Láctea de incalculáveis riquezas e possibilidades. Por outro lado, percebe-se que neste momento Brasil e Índia vivem um momento virtuoso de perspectivas de cooperação no campo do cinema. Em 2010, entrou em vigor nos dois países o Acordo de Co-produção Cinematográfica e Audiovisual que permite a realização de obras em parceria com dupla nacionalidade, as quais se beneficiarão dos mecanismos de apoio existentes nos dois países. No plano internacional, através dos grupos regionais do BRICS e do IBAS, Índia e Brasil estabelecem vínculos de cooperação cada vez mais estreitos que ganhariam maiores visibilidades e envolvimento da opinião pública caso se incluísse com prioridade nas agendas de seus encontros, além da árida realidade exclusiva dos interesses econômicos, o suave poder (soft-power) das indústrias culturais, das quais o cinema ocupa o vértice da pirâmide.

A mostra BHAVA: Universo do Cinema Indiano é um estímulo nessa direção.

Nova Delhi, 29/11/2011

Jom Tob Azulay

-Cineasta e Diplomata-Durante o ano de 2011 serviu como Conselheiro na Embaixada do Brasil em Nova Delhi

(*) – Geeti Sen, Iconising The Nation: political agendas, IIC Quarterly – Winter 2002.

Encontro com o Festival Internacional de Cinema da Índia

Movendo-se dos centros artísticos da Ásia até a arena cinematográfica do mundo, o 42º IFFI (International Film Festival of Índia) reuniu a diversidade das formas cinematográficas, em sua estética e conteúdo. O princípio fundador do festival é promover um encontro de povos e nações de todas as partes do mundo, onde os melhores filmes e artistas se reúnem com seus talentos emergentes em pé de igualdade. É também um fórum para profissionais do cinema comunicarem-se cara a cara com os amantes do cinema em todo o mundo. Tendo isso em mente, o festival tem como objetivo fornecer uma plataforma comum para a cinematografia do mundo projetar a excelência da arte do cinema, contribuindo para a compreensão e valorização das culturas de filmes de diferentes nações no contexto de seu ethos social e cultural, promovendo a amizade e a cooperação entre os povos. Nesse sentido, a Índia e o Brasil têm muito a cooperar na área do audiovisual, e os ambientes dos festivais internacionais podem ser propícios para essa aproximação. Por esse motivo, precisamos trocar informações e aumentar nossas participações e trocas de experiências.

Uma grande e nova iniciativa foi tomada pela ministra indiana de I & B (Information and Broadcasting), a Sra. Ambika Soni, no ano de 2009, com o objetivo de elevar o nível do festival. Durante a inauguração do 40º Festival de Cinema Internacional da Índia (IFFI), realizada em Goa, ela afirmou que tinha como objetivo fazer do IFFI um dos melhores festivais de cinema do mundo. E a 42ª edição de 2011 presta testemunho ao esforço e sério compromisso para transformar esse sonho em realidade.

Nesse sentido, reorganizamos o festival com uma nova visão e impulso para escalar grandes alturas. Organizamos as sessões ao ar livre, como a sessão "Futebol no Cinema", com a participação de filme brasileiro, espaço onde sete filmes de diferentes países foram mostrados. Impulsionamos animação e filmes em 3D. A sessão "Sketches on Screen" levou seis filmes de animação exibidos durante o Festival. Realizamos master classes por renomados profissionais do mundo, que ensinaram as nuances do cinema. Realizamos a primeira reunião de cúpula da Índia em negócios, tecnologia e surgimento de filmes em 3D e animação, uma área que a Índia tem muito a dividir com parceiros internacionais como o Brasil.

Além disso, criamos muitas oportunidades e novas sessões no festival IFFI como: "A Cut



Above" foi adicionada ao festival, destacando filmes clássicos pela temática e mérito artístico; "Festivals Kaleidoscope", "Documentários (estrangeiros)", retrospectivas de diretores renomados no mundo, retrospectiva de clássicos indianos, espaço para curta metragens. Revivemos após oito anos o prêmio "Lifetime Achievement", que premia um cineasta de renome internacional e em 2011 foi conferido a Bertrand Tavernier. Além disso, temos a importante mostra Indian Panorama, que traz o melhor do cinema indiano e é uma grande alegria poder ter contribuído para que filmes dessa mostra participem da mostra **BHAVA: Universo do Cinema Indiano no Brasil**, algo inédito na América Latina.

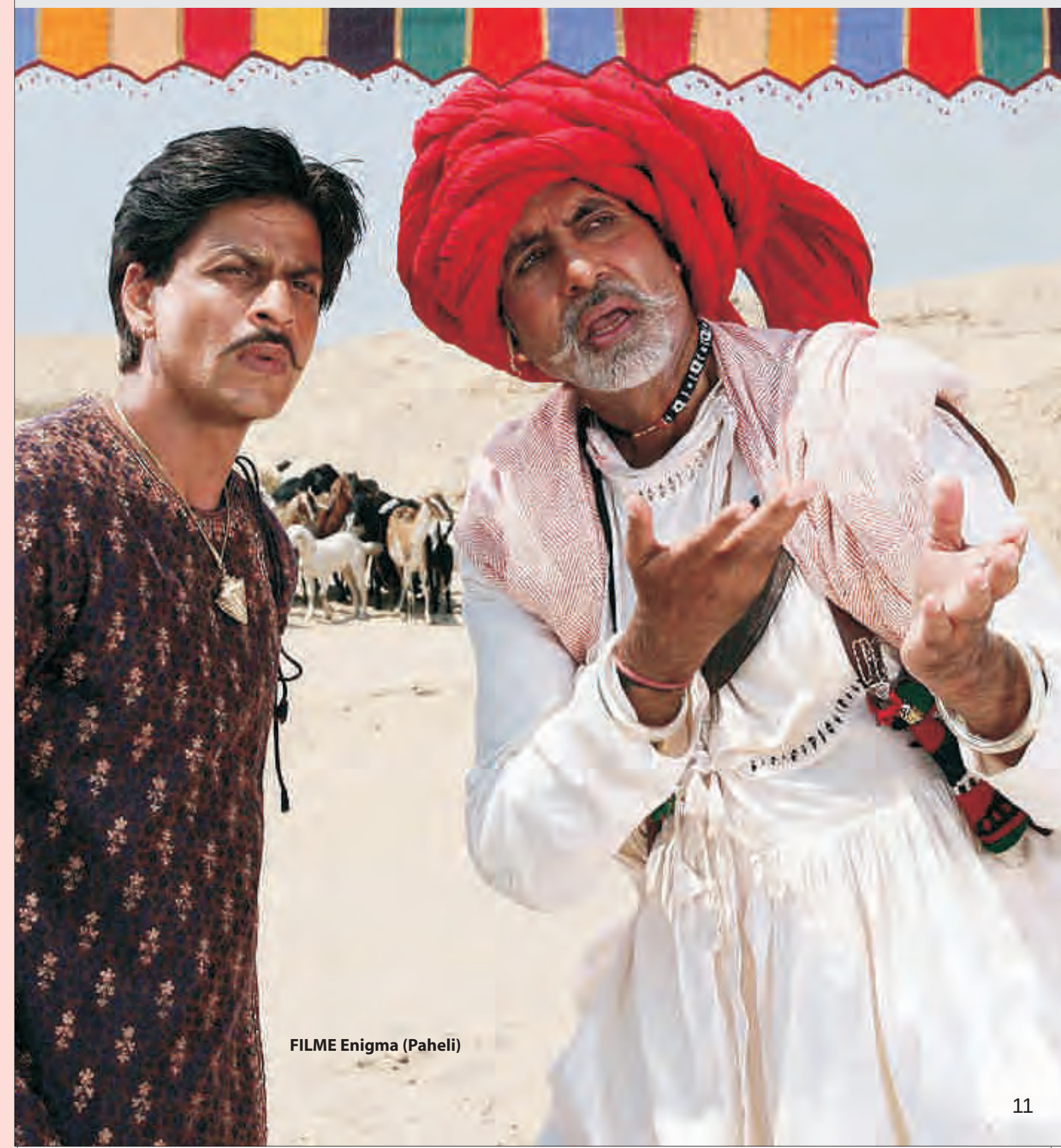
Um total de 162 filmes foram exibidos no 42º IFFI, com Premieres Mundiais e Premieres da Índia. A seção de cinema estrangeiro é focada em trazer produções significativas e filmes vencedores do Circuito Internacional dos Festivais de Cinema. Os filmes estrangeiros foram representados pelos respectivos diretores e elenco, produtores e distribuidores.

O renomado cineasta Shekhar Kapoor colocou de forma sucinta a inovação do festival: " Houve uma mudança fantástica no IFFI deste ano. Eu presenciei e encontrei grandes nomes mundiais do cinema que nunca imaginei que poderiam estar no Festival Internacional da Índia. O padrão do festival está crescendo numa intensa velocidade a cada ano." Percebemos novas interações e novas estratégias que colocaram espectadores e cineastas numa troca intensa profunda. Isso se reflete nas palavras do vencedor do Oscar Hugh Welchman: "Eu fui assistir IFFI por três anos e pude sentir que há boa infraestrutura. Participei das master classes e eventos que são impressionantes!" O Festival proporcionou uma plataforma para mostrar o melhor do cinema comercial e artístico indiano, dando também oportunidade para os cineastas locais interagirem com realizadores do mundo todo. O festival e iniciativas como a Mostra BHAVA também abrem caminhos para o cinema e público estrangeiro entender a psique indiana e como nossas histórias são tecidas.

Atuando como uma conexão emocional para a diáspora indiana, o IFFI encontrou uma maneira sensível de abrir caminhos no estabelecimento de relações pertinentes com variadas culturas e tradições e, assim, exercer o conceito de "Um Mundo, Uma Família", criando uma avenida para uma globalização mais democrática do cinema indiano. É nesse caminho que convidamos os realizadores brasileiros para um encontro oportuno e frutífero no mais propício momento de aproximação entre nossos países, podendo compartilhar nossa criatividade e crescimento em todos os sentidos.

Shankar Mohan

Diretor do IFFI (International Film Festival of India)
Diretor do MIFF (Mumbai International Film Festival)



FILME Enigma (Paheli)



FILME Quatro Mulheres (*Naalu Pennungal*)
DIRETOR: Adoor Gopalakrishnan
ANO: 2007
IDIOMA: Malayalam (estado de Kerala)
Cor, 105min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

O filme é uma adaptação de 4 contos do conhecido autor Thakazhi Sivasankara Pillai, que narra as histórias de quatro mulheres com diferentes experiências de vida. O filme começa com a história de um casal que vive nas ruas, na década de 40. Kunju Pennu, uma prostituta e seu marido vivem uma relação sem reconhecimento legal. As autoridades locais pressionam o casal, e este se vê forçado a se separar, como punição pelo “crime” cometido. A virgem é a segunda história que narra a vida de Kumari, uma moça virgem trabalhadora rural, que, por sua idade, se vê obrigada a aceitar um casamento arranjado. Após a cerimônia, Kumara passa a conviver com a indiferença do marido, inclusive sexual. Numa visita à casa do pai, a jovem é abandonada pelo marido, sendo acusada pela vizinhança de infidelidade. Diante da humilhação da família, Kumari revela, para surpresa de todos, que o casamento não fora consumado. A terceira história é sobre a dona de casa Chinnu Amma, uma mulher com casamento feliz, porém sem filhos, que certo dia recebe a visita de um antigo namorado, Nara Pillai. Entre recordações da juventude, Nara Pallai percebe a fragilidade de Chinnu e tenta seduzi-la. Surge aí o dilema: sucumbir ao desejo ou ser fiel às suas crenças. A última história é sobre uma jovem da alta sociedade que vive com sua família: a mãe viúva e três irmãos mais novos. No início do filme a jovem recebe uma proposta de casamento que fracassa, pois o noivo a troca por sua irmã mais nova. Ela acompanha resignadamente, os casamentos de todos os seus irmãos. Após a morte de sua mãe, a jovem se vê obrigada a morar na casa de sua irmã caçula. Tudo vai bem, até que sua proximidade com a família desperta o ciúme e a desconfiança de sua irmã, que pressente um suposto romance entre a jovem e seu marido. Desafiando seu destino controlado por seus irmãos, a jovem finalmente decide viver sua vida solitária por conta própria

DIRETOR

Adoor GopalaKrishnan



Um dos mais reconhecidos e aclamados cineastas indianos, Gopalakrishnan nasceu no vilarejo de Adoor, estado de Kerala, que inspirou seu primeiro nome. Adoor formou-se em roteiro e direção no Instituto de Cinema e Televisão da Índia, em Pune, em 1965. Nesse período, já havia escrito e produzido mais de 20 peças de teatro aclamadas pela crítica. Ainda em 65, o cineasta fundou a Sociedade Cinematográfica Chitrallekha em Kerala, participando da criação do movimento cinematográfico paralelo de Kerala. Seu filme de estréia foi o premiado Swayamvaram, de 1972, considerado um marco da Indústria cinematográfica Malayalam. Sua filmografia inclui Kodivettam (1977), Elippathavam (1982), Mukhamukham (1984), Anantharam (1987), Mathilukal (1990), Vidhevan (1994), Kathapurushan (1996) e o documentário Kalamandalam Gopi (2000). Dentre suas produções mais recentes está Naalu Pennungal (Quatro Mulheres), de 2007 e o filme Uma Mulher e dois Homens (2008). Adoor recebeu inúmeros prêmios internacionais e seus filmes já foram aclamados e premiados no Festival de Toronto, Veneza e Berlim. Já recebeu dezesseis premiações como melhor diretor e filme no National Award Indiano. Já foi convidado para compor o júri de importantes festivais de cinema como Veneza, Shangai, Berlim e Alexandria. Recebeu do governo indiano o Padma Sri e Padma Vibushan, os mais importantes prêmios e títulos de reconhecimento pela sua contribuição ao cinema indiano. Foi o primeiro realizador indiano a receber o Prêmio e o título de Comandante da Ordem das Artes e Letras do Governo Francês (2005). A retrospectiva de seus filmes já foi realizada em importantes festivais e locais de prestígio como Cinemateca de Paris, Friburg, Nova Iorque, Madri, festival de cinema de Denver, entre outros.





FILME Mais Uma Estória de Amor
(*Just Another Love Story*)
DIRETOR Kaushik Ganguly
ANO 2010
IDIOMA Bengali (estado de Bengala)
Cor, 129min, 35mm

14

FILMES DA MOSTRA

Chapal Bahdum, famoso pelos personagens femininos que interpretou, nos anos 70, vive um conflito: é uma mulher presa no corpo de um homem. Ele vive abandonado em suas memórias de um passado glamoroso até encontrar Abhiroop Sen, um cineasta gay, que lhe oferece uma grande quantia para que Chapal revele sua trágica história, em detalhes, num documentário. A fúria da mídia, homofobia e os conflitos emocionais permeiam a vida de cada personagem nesse drama, forçando Abhiroop a se confrontar com sua condição marginal na sociedade.

DIRETOR

Kaushik Ganguly



Kaushik Ganguly é diretor, roteirista e ator indiano, atuante na Indústria Bengali de Cinema. Tornou-se famoso por abordar a temática sexual em seus filmes, a exemplo de Ushnatar Janye, que retrata um relacionamento homossexual ou Areketi (*Just Another Love Story*) que examina o universo transexual. Formado em Literatura Bengali pela Universidade Jadavpur, Ganguly iniciou seus trabalhos no teatro. Posteriormente, passou a roteirista na indústria cinematográfica bengali, posto que lhe abriu portas como diretor de telefilmes para um canal de televisão local. O primeiro filme, Waarish (2004) não teve boa receptividade. O sucesso viria com o filme *Just another Love story*, premiado em inúmeros festivais, que conta a história sobre um documentarista gay e um ator transexual. O filme foi aclamado no Festival de Berlim no ano de 2010 e conta com a atuação do ator e diretor Rituparno Gosh.





FILMES DA MOSTRA

Kutty Srank é um marinheiro de pavio curto, solitário, mas cumpridor de seus deveres, cujo ofício o leva a viajar pelo Litoral de Kerala. Um dia, a polícia local descobre o cadáver de homem não identificado, e três mulheres surgem reclamando o corpo que alegam ser de Kutty Srank. Cada uma das três mulheres: uma monja budista, uma presidiária e uma muda, afirmam ser esposas de Kutty Srank. No final das contas, a verdadeira estória de Kutty era a de um homem que conseguiu convencer três diferentes mulheres de que era um marido fiel e dedicado.

DIRETOR

Shaji N. Karun



Shaji N. Karun é diretor e fotógrafo de cinema indiano, nascido em Kerala, em 1952. No ano de 1971, recebeu seu diploma em cinematografia pelo Instituto de Cinema e Televisão da Índia, em Pune. Em 76, fez parte da Empresa de Desenvolvimento Cinematográfico, em Thiruvananthapuram, mesmo ano em que iniciou parcerias bem sucedidas com os renomados cineastas G. Aravindan, K. G. George e M. T. Vasudevan Nair, como diretor de fotografia. Shaji Karun é membro permanente da Academia Chalachitra, em Kerala, a primeira academia de cinema e TV da Índia. A estréia como diretor se deu com o filme Piravi, de 88, que ganhou o Caméra d'Or - Mention d'honneur, no Festival de Cannes, em 1989. Seus próximos filmes seriam Swaham, que disputou em Cannes, em 94, Vaanaprastham, Nishad, premiado no festival de Fukuoka, em 2002, no Japão e Kutty Srank (Marinheiro), de 2010, vencedor como melhor filme no National Award da Índia. Recebeu do governo francês o título de Chevalier des Arts et des Lettres, como reconhecimento da importância de sua carreira.

FILME Marinheiro (*Kutty Srank*)
DIRETOR: Shaji N Karun
ANO: 2010
IDIOMA: Malayalam (estado de Kerala)
Cor, 133min, 35mm

12





FILME Harishchandradi Factory
DIRETOR: Paresh Mokashi
ANO: 2009
IDIOMA: Marathi (estado de Maharashtra)
Cor, 128min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

O filme conta a história do início da Indústria cinematográfica indiana, nos idos de 1913, através da luta de Dadasaheb Palke. Depois de sair de uma sociedade comercial, Palkhe decide fazer seu primeiro filme mudo, contando com o apoio de sua família. Ele viaja para a Inglaterra disposto a aprender tudo sobre a nova arte. Retorna algum tempo depois ao seu país natal, reunindo inúmeros atores e técnicos para produzir seu primeiro filme que narra a história de Raja Harishchandra. Com muito esforço e empenho, o filme se torna um sucesso, marcando o início de uma das maiores indústrias Cinematográficas do mundo.

DIRETOR

Paresh Mokashi



Paresh Mokashi é um diretor e roteirista indiano indicado ao Oscar de melhor Filme Estrangeiro em 2010. Mokashi começou sua carreira artística como ator do renomado Grupo Teatral Marathi, na Academia de Pune. Posteriormente, como dramaturgo escreveu sua primeira peça na língua marathi, "Sangeet debuchya muli". A primeira incursão no cinema, como diretor foi com o longa 'Harishchandradi Factory', de 2009, que retrata o surgimento da indústria cinematográfica indiana através da experiência de Dadasaheb Phalke em seu primeiro filme de 1913. O filme teve excelente resposta de crítica e público, sendo o único representante do cinema indiano na categoria de Melhor Filme Estrangeiro no Oscar 2010.





FILMES DA MOSTRA

Sringaram narra a estória de Devadasi, uma dançarina de um templo, e sua busca de identidade e emancipação. Uma elegante e contemporânea representação das manifestações tradicionais, na Índia dos anos 20, permeada de visuais deslumbrantes e magnífica música. Uma delicada jornada de amor em suas manifestações – física emocional e espiritual.

DIRETORA

Sharada Ramanathan



Sharada Ramanathan é uma diretora e dançarina popular Indiana com um consistente trabalho voltado para a cultura, há cerca de duas décadas. Profissionalmente, engajou-se em movimentos sociais e culturais na Índia, sendo membro da Fundação Indiana de Artes. Em sua temporada junto à Fundação Ford, participou efetivamente de inúmeros fóruns e organizações de desenvolvimento, voltados para atividades sócio-culturais. Sringaram (Dance of Love) é seu filme de estréia, sobre as dançarinas celestiais dos templos sagrados da Índia, produzido em 2007, aclamado pela crítica e ganhador de inúmeras premiações.

FILME Sringaram
DIRETORA: Sharada Ramanathan
ANO: 2007
IDIOMA: Tâmil (estado de Tâmil Nadu)
Cor, 117min, 35mm

12





FILME Moner Manush
DIRETOR: Goutam Ghose
ANO: 2010
IDIOMA: Bengali (estado de Bengala)
Cor, 150min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

No século 19, Jyotirindranath Tagore, um intelectual da cidade, irmão mais velho de Rabindranath Tagore, conhece Lalan Faqir, um homem de 80 anos, sábio de seu vilarejo. A intensa troca de idéias entre os dois dá forma a essa narrativa cinematográfica. O filme conta a saga de Lalan Faqir e seus ideais de liberdade, num período de extrema superstição, na sociedade indiana do século 19. Sua Filosofia era baseada na mais Liberal e Iluminada tradição do Hinduísmo, Budismo e Islamismo. Posteriormente, essa mesma escola de pensamento serviria de pretexto para o surgimento de facções fundamentalistas entre hindus e muçulmanos. As lições de amor e compaixão de Lalan são mais do que relevantes nesses dias de intolerância e ódio.

DIRETOR

Gautam Gouse



Gautam Gouse, nascido em Calcutá, é um dos mais aclamados diretores do moderno cinema indiano. Iniciou seus trabalhos no cinema em 1973, como documentarista. Hungry Autumn, seu segundo documentário, foi premiado no Festival Oberhausen de Cinema. Daí para frente várias de suas obras alcançaram reconhecimento internacional em festivais como Cannes, Nantes, Veneza, entre outros. Dakhal Padma Nadir Majhi e Abar Arannye são considerados seus filmes mais famosos. Foi o único realizador indiano a receber o Prêmio Vittorio di Sica e o título de Cavaleiro da Ordem da Estrela da Solidarietà Italiana.





FILMES DA MOSTRA



FILME Um Copo de Chai (*Ek Cup Chya*)
DIRETORES : Sumitra Bhavé/ Sunil S.
ANO: 2009
IDIOMA: Marathi (estado de Maharashtra)
Cor, 120min, 35mm

12

Kashinath Sawant, um condutor de ônibus da companhia estatal de transportes, mora numa vila na região da costa de Maharashtra com sua esposa Rukmini, sua mãe, duas filhas, Vasanti e Vanadevi e dois filhos, Chandan e Abeer. Certo dia, a família Sawant é surpreendida com uma gigantesca conta de eletricidade. Eles se sentem enganados e humilhados pela indiferença da burocracia dos órgãos competentes. O que lhes resta é manter o senso de humor e a união familiar. O resgate da dignidade e a luta pelos direitos de Kashinath chegam através do apoio do amigo motorista Sayyad e do ativista Dr. Durga.

DIRETORES

Sumitra Bhavé e Sunil Sukthankar



Sumitra Bhavé é a diretora de destaque do Cinema Marathi. Nos últimos anos tem atuado em parceria com o diretor Sunil Sukthankar, e acumulam juntos a realização de oito longas metragens, 40 curtas, cinco telefilmes e duas séries no currículo. Sumitra Bhavé é assistente social no Instituto Tata de Ciências Sociais, em Mumbai, e passou a realizar filmes em parceria com Sunil Sukthankar, um diretor formado pelo Instituto de Cinema e Televisão de Pune, em 1985. Ek Cup Chya é o nono filme da dupla, com 3 premiações em festivais internacionais, 6 National Awards da Índia entre outros.





FILME Haat: O Bazar Semanal (*Haat: The weekly Bazar*)
DIRETORA: Seema Kapoor
ANO: 2011
IDIOMA: Híndi (Norte da Índia)
Cor, 98min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

O filme é baseado num antigo costume chamado “Natha Pratha” que diz que se uma mulher quiser deixar o marido, seu pai deve pagar uma compensação a ele. A quantia da compensação deve ser decidida pelo Conselho de homens (Panchayat). Caso o valor não possa ser pago, a mulher será punida pelos habitantes do vilarejo, sendo despida e humilhada publicamente. O marido, ao contrário, tem total liberdade de sair da relação, bastando uma justificativa. O filme conta a história de Sanja, uma mulher que recebeu tal punição. Em meio à tragédia que tomou conta de sua vida, ela passa a ver Ambika, o fantasma de uma mulher do século XVIII que passou por um drama similar, cujo espírito só alcançará a paz se uma mulher tiver a coragem de lutar e não se submeter a tal punição.

DIRETORA

Seema Kapoor



É uma famosa atriz, diretora e roteirista indiana. Kapoor graduou-se em literatura híndi na Universidade Mulçumana Aligarh. Estreou na televisão em 1988, quando também se lançou como documentarista. Seema Kapoor trabalhou com os mais importantes nomes da cena teatral da Índia, como Rajendar Nath, Dadiu Pudumji, Habib Tanvir e Astad Deboo. Com o filme Haat: the weekly bazar, estréia no cinema como diretora.





FILME Dharm
DIRETOR: Bhavana Talwar
ANO: 2007
IDIOMA: Híndi (norte da Índia)
Cor, 104min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

O filme conta a estória de Pandit Chaturvedi, um sacerdote Brahmani altamente reverenciado. Certo dia, sua filha traz para casa um bebê que fora abandonado pela mãe na casa de Chaturvedi, que concorda em adotar o pequeno, atendendo ao pedido de sua esposa. A vida da família é abalada com a volta da mãe da criança e a descoberta de sua origem muçulmana. O sacerdote devolve imediatamente a criança e parte para um processo de purificação devido ao contato com uma alma muçulmana. Passado um tempo, a vida do sacerdote sofre um novo revés com a volta da criança procurando refúgio por conta dos violentos confrontos entre Hindus e Mulçumanos. Este acontecimento decisivo força Chaturvedi a perceber que a verdadeira religião é a Humanidade.

DIRETORA

Bhavana Talwar



Bhavna Talwar é uma jornalista e cineasta indiana. Nos oito anos em que atuou na imprensa, Talwar escreveu sobre cinema, teatro e moda. Posteriormente, ingressou no mercado publicitário como assistente de direção, experiência que lhe rendeu uma indicação no festival de Cannes de Publicidade. Seu primeiro longa-metragem, Dharm (2007), foi apresentado no Festival de Cannes de 2007. A diretora também criou polêmica ao reivindicar a indicação de Dharm como representante indiano no Oscar, em detrimento do filme Eklavya: The Royal Guard (2007) por entender que havia contatos pessoais entre os produtores do filme e a comissão de seleção determinaram a escolha. Talwar desistiu da denúncia por ter perdido o prazo de inscrição para a premiação da Academia Americana.





FILME Salaam Bombay
DIRETORA: Mira Nair
ANO: 1988
IDIOMA: Inglês
Cor, 113min, 35mm

14

FILMES DA MOSTRA

O filme narra a história de Krishna, um menino de dez anos, abandonado por um circo ambulante. Sem rumo, ele vai para Bombay, em meio ao turbilhão da grande metrópole. O garoto sonha em trabalhar e guardar 500 rúpias que o levarão de volta à sua casa e para os braços de sua mãe. Ele arruma um emprego como “chaipau”, um entregador de chai, e se depara com policiais, prostitutas, traficantes e cafetões. O filme acompanha as venturas e desventuras do pequeno Krishna, onde percebemos que mesmo na miséria e na sujeira, sem esperança ou ajuda, esses habitantes das ruas de Bombay conseguem celebrar o espírito de sobrevivência com humor, dignidade e força.

DIRETORA

Mira Nair



Mira Nair é diretora, roteirista e produtora nascida em Bhuneswar, na Índia, em 1957. Ela concluiu seus estudos na Universidade de Delhi e Harvard. No começo de sua carreira, Nair dirigiu documentários para a TV. A estréia como diretora cinematográfica foi com o aclamado Salaam Bombay (1988), que venceu o Oscar de melhor filme estrangeiro. Salaam Bombay teve exibição inesquecível no Festival de Cannes, com grande aclamação do público e crítica. A partir de Salaam Bombay, Mira Nair deslançou sua carreira internacional. Em seguida vieram os filmes Mississippi Masala (1991), com Denzel Washington, The Perez family (1995) com Angelica Houston, Kama Sutra (1996) e Casamento à Indiana (2001), vencedor do Leão de Ouro Festival de Veneza, do Bafta e do Globo de Ouro de melhor Filme estrangeiro. Em associação com a HBO, produziu Histerical Blindness, uma produção televisiva estrelada por Uma Thurman e vencedora do Emmy e do Globo de Ouro. Sua vasta e premiada filmografia ainda inclui Vanity Fair, com Reese Witherspoon, The Namesake (2005), baseado no livro da renomada escritora indiana Jhumpa Lahiri, e, mais recentemente, o filme Shantaram, protagonizado por Johnny Depp, produzido em 2011. Mira Nair hoje é a mais importante diretora indiana, com grande reconhecimento da indústria internacional, especialmente Hollywood.





FILME Cidade da Seda (*Kanchivaram*)
DIRETOR: Priya Darshan
ANO: 2008
IDIOMA: Tâmil (estado de Tâmil Nadu)
Cor, 117min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

O filme tem como cenário a fábrica têxtil de Kanchi e narra a estória de um homem comum preso ao conflito gerado pelos valores da sociedade em que vive e seus ideais. Em um dia chuvoso, Vengadam recebe sua liberdade condicional e parte para uma nova vida num mundo que lhe parece muito diferente. Ele pega um ônibus de volta para casa. A forte chuva do lado de fora é um contraste com as memórias que vêm à sua mente, muito claras e vívidas, algumas iluminadas como um dia de sol, outras doces. Mas cada um delas unidas formando uma única história de vida. Como todo jovem rapaz, Vengadam desafiou o destino e sonhou alto. Certo dia, para surpresa de todos, Vengadam prometeu à sua filha recém-nascida que a cobriria da mais pura seda no dia de seu casamento. De acordo com a tradição dos tecelões, uma promessa feita a um recém-nascido deve ser cumprida. Alguns descrentes, o alertaram que essa seria uma promessa difícil, dado o parco salário do tecelão. E, quebrar tal compromisso teria terríveis conseqüências. Cheio de otimismo e confiante em suas habilidades, Vengadam se recusou a ceder. Porém, se a juventude traz otimismo, traz também a coragem desmedida e a imprudência, em doses iguais. A despeito das dificuldades, Vengadam estava disposto a manter a promessa a qualquer preço. O jovem passa então a levar consigo um fio de seda todos os dias, na saída do trabalho, mesmo passando pela revista diária feita pelos guardas da fábrica, que não conseguiam achar o fio trazido na boca de Vengadam. E toda noite, o jovem tecelão ia sorrateiramente ao seu curral tecer mais um fio. Passados dias e anos, o sari de sua filha aumentava na medida em que ela se tornava uma bela moça. Certo dia, a vida de Vengadam muda para sempre após a chegada de pregador comunista em sua vila. De apolítico, nosso protagonista passa ao extremo oposto, vivendo e respirando o comunismo. Ele se torna um líder comunitário e instiga uma revolta de trabalhadores contra os donos da fábrica, que comandam os negócios como senhores feudais. A fábrica é fechada. Nenhuma das partes quer ceder, e com o prolongamento da greve e a aproximação do casamento de sua filha, Vengadam percebe que não poderá cumprir sua promessa. Dividido entre sua promessa e sua ideologia, ele começa a questionar os princípios do comunismo. Ele percebe que pregar uma filosofia é mais fácil que praticá-la. O filme é uma reflexão do diretor sobre o porquê do recuo do comunismo em todo o mundo. Porque como humanos, somos ambiciosos e egoístas em algum nível, o que vai de encontro aos preceitos do coletivismo.



DIRETOR

Priyadarshan

Priyadarshan é diretor, produtor e roteirista, nascido em Kerala, em 1957. Em duas décadas de carreira, dirigiu mais de 80 filmes em vários idiomas indianos incluindo Malayam, Hindi, Tamil e Telugu. Embora tenha começado, em 1984, sua carreira na indústria Malayalam, uma das que compõem a indústria cinematográfica indiana, Darshan centrou sua produção em filmes no idioma/indústria Hindi. Muito conhecido por suas comédias, Priyadarshan também produziu filmes de ação e thrillers. Foi o primeiro diretor a introduzir no cinema indiano a correção de cores e a alta qualidade no som e na dublagem, em suas primeiras produções na indústria Malayalam. Sua entrada em Bollywood se deu com adaptações de comédia populares do cinema malayalam. É hoje um dos mais requisitados diretores de Bollywood, com um dos mais altos cachês. Entre suas obras premiadas estão: *Thenmavin Kombath* (1994), *Kala Pani* (1995) e *Kanchivaram* (Cidade da Seda) de 2008, filme produzido no idioma Tamil que abriu o Festival de Toronto, em 2008.





FILMES DA MOSTRA

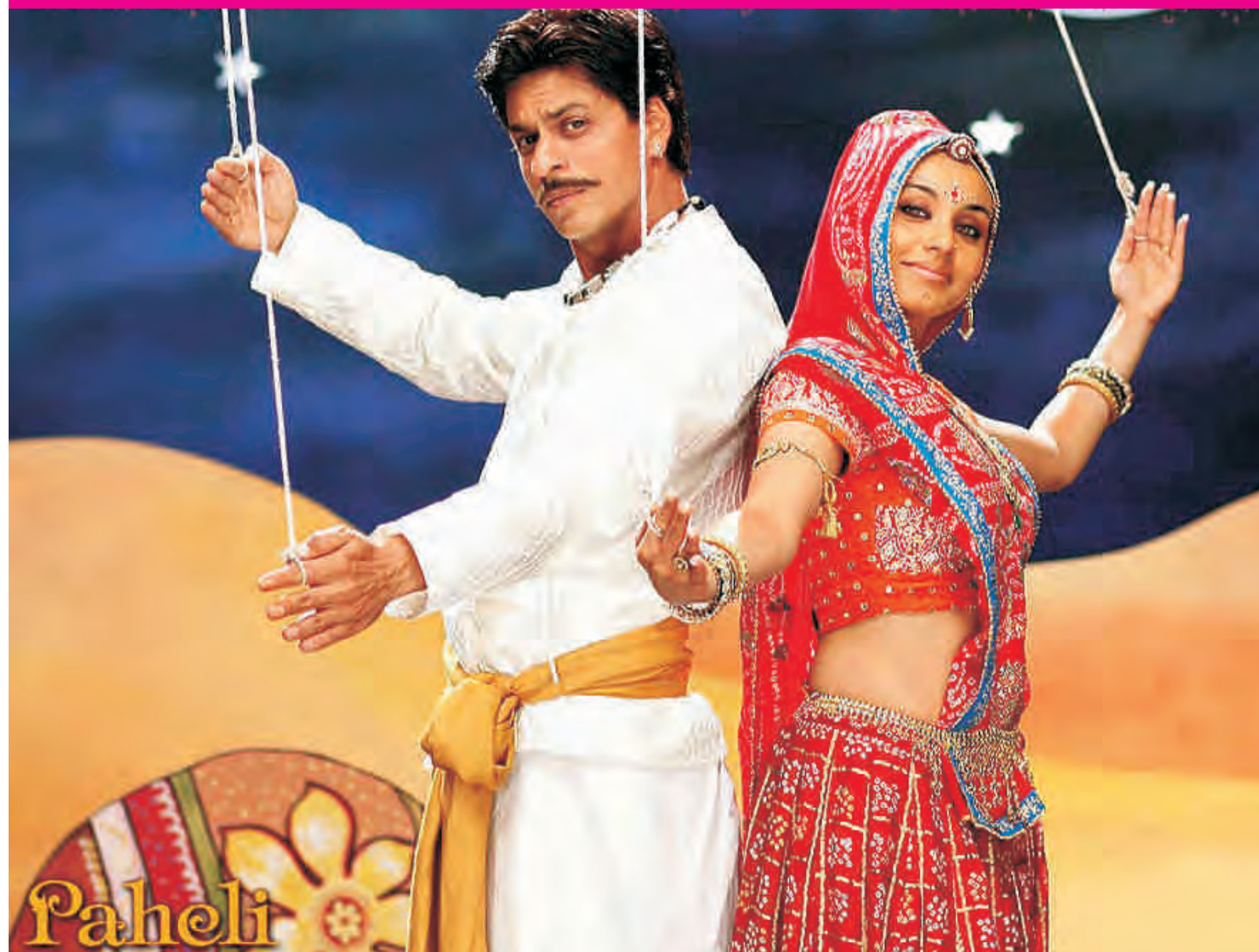
Era uma vez uma linda moça que era casada com um homem cujo único interesse era ganhar dinheiro. Um fantasma cai de amores pela linda jovem. Na noite de núpcias, o marido parte numa viagem de negócios por cinco longos anos. O fantasma assume a aparência do marido e entra na vida da jovem. Alguns anos depois, o marido retorna à casa deixando os habitantes do vilarejo e sua família confusos. O desfecho dessa inusitada trama é Paheli. Paheli é o dilema da moça que deve escolher entre o eterno amor do fantasma e a insensibilidade do marido.

DIRETOR

Amol Palekar



Amol Palekar é um premiado diretor e ator indiano nascido em Mumbai. Sua carreira como ator concentrou-se principalmente durante a década de 70, quando participou do movimento do Novo Cinema Marathi, atuando também no cinema Híndi – indústria Bollywood. Provou seu virtuosismo em suas atuações que lhe valeram inúmeros prêmios. Estreou na função de diretor com o filme Aakriet. Com o longa Paheli (Enigma) foi indicado, entre os concorrentes indianos, para a categoria de Melhor Filme Estrangeiro à concorrer ao Oscar no de 2006.



FILME Enigma (*Paheli*)
DIRETOR: Amol Palekar
ANO: 2005
IDIOMA: Híndi (Mumbai e norte da Índia)
Cor, 141min, 35mm

12





FILME Gulabi Talkies
DIRETOR: Girish Kasaravalli
ANO: 2008
IDIOMA: Kanada (estado de Karnataka)
Cor, 122min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

No ano de 1999, numa comunidade de Pescadores, no sudoeste indiano, Gulabi, a parteira local, tem uma vida dura: ela é parte de um pequeno grupo de mulçumanos, num vilarejo de maioria hindu, e, para piorar, seu marido Musa deixou-a pela segunda esposa. Gulabi é uma apaixonada por cinema que pensa duas vezes antes de deixar um bom filme para atender uma mulher em trabalho de parto. A parteira atende ao chamado de má vontade, mas a família em gratidão ao serviço prestado, presenteia Gulabi com uma TV em cores e uma antena parabólica – a única no vilarejo. Sua fé e seus problemas matrimoniais tornam Gulabi alvo de rejeição dos habitantes da vila. Mas tudo muda quando a televisão se torna o assunto entre os locais, fazendo com que algumas mulheres da vizinhança passem a freqüentar a casa de Gulabi, atribuindo-lhe certo respeito. Uma das novas amigas de Gulabi é Netru, uma jovem que partilha com ela seus problemas conjugais e o amor pelos programas de TV. Mas num período de conflitos entre Paquistão e Índia, o desaparecimento de Netru causa uma reviravolta na vida de Gulabi, que passa a ser apontada como responsável.

DIRETOR

Girish Kasaravalli



Girish Kasaravalli nasceu em Kesalur, estado de Karnataka, Índia, em 1950. É considerado um dos mais proeminentes diretores do cinema Indiano Contemporâneo. Começou sua carreira cinematográfica no ano de 1975, quando se graduou em direção no Instituto de Cinema e Televisão da Índia, em Pune. Ainda como estudante, produziu o filme Avasesh, premiado como melhor filme estudantil. Seu primeiro filme como diretor independente foi Ghatashraddha, em 1977, que ganhou inúmeros prêmios internacionais. Entre suas mais notáveis e premiadas obras estão ainda: Tabarana Kathe (1986), Thayi Saheba (1997), Dwepa (2003), Hasina (2007) e Gulabi Talkies, de 2008. Seus filmes já participaram de importantes festivais internacionais e sua retrospectiva foi realizada pelo festival de Rotterdam, entre outros. Em 2011 recebeu do governo indiano o Padma Sri, o mais importante prêmio e títulos de reconhecimento pela sua contribuição à arte e cinema indiano.





FILMES DA MOSTRA

O filme gira em torno da chegada da jovem Sweta à fase adulta. Pronta para as aventuras que a esperam, a otimista menina de 13 anos se depara com uma grande e inusitada descoberta: seu tio Gautam se traveste de mulher todas as noites. Quando a jovem questiona seu tio sobre a vida oculta que leva, Gautam conta à jovem o desejo de fugir para interpretar a personagem que se casa com Aravan, num festival local chamado Koovagam. O evento que acontece anualmente reúne inúmeras pessoas do terceiro gênero, que se encontram regularmente para exaltar a estória de Aravan, um personagem do épico Mahabharata. Após a fulga de seu tio, Shweta decide procurá-lo e trazê-lo para casa, e ao longo do caminho, ela descobre uma nova cultura através dos novos amigos do terceiro gênero.

DIRETOR

Santosh Sivan



Santosh Sivan é diretor, fotógrafo e produtor de cinema indiano, nascido em Trivandrum, capital de Kerala. Formou-se pelo Instituto de Cinema e Televisão da Índia, iniciando sua carreira como diretor de fotografia em mais de 45 filmes e 41 documentários dos mais renomados cineastas indianos, produzidos nas línguas híndi, inglês, tâmil e malayalam. É o mais premiado fotógrafo do cinema indiano! Como diretor foi premiado com o National Award da Índia em 1988 pelo filme "A estória de Tiblu". Sua vasta e premiada filmografia ainda incluem Halo (1995), The Terrorist (1999), Malli (2000), Asoka (2001) e Navarasa de 2004, premiado no Festival de Lyon, França. Seu mais recente filme, o épico Urumi, que retrata o período de dominação lusitana na Índia, e inaugurou o Festival Internacional de Cinema de Goa, Índia, em 2011. Santosh Shivan já dirigiu 14 longas-metragens, e é um dos grandes nomes do cinema indiano atual, realiza filmes para várias indústrias indianas de cinema, com uma carreira que traz grande experiência em cinematografia, assinando 38 produções.

FILME Nove Emoções (*Navarasa*)
DIRETOR: Santosh Sivan
ANO: 2005
IDIOMA: Tâmil (estado de Tâmil Nadu)
Cor, 90min, 35mm

12





FILME Dança da Vida (*Aadum Koothu*)
DIRETOR: T.V. Chandran
ANO: 2006
IDIOMA: Tâmil (estado de Tâmil Nadu)
Cor, 106min, 35mm

12

FILMES DA MOSTRA

O filme retrata a vida de Manimekhala, uma jovem universitária sensível que tem visões. As coisas complicam quando Manimekhala começa a ver um estranho filme sempre que utiliza um bracelete, presenteado por seu noivo, feito a partir de restos de película. O filme é sobre uma Dalit, uma artista nômade, que é caçada e humilhada por não sucumbir aos desejos de um rico proprietário de terras local, há décadas atrás. O filme se passa em três momentos: o do fato verídico da história da Dalit, o segundo momento, onde um jovem cineasta faz um filme sobre o episódio e um terceiro com as visões de Manimekhala. O momento das filmagens foi repleto de situações obscuras, culminando com o suicídio da atriz que viveu a Dalit, forçando o jovem diretor a abandonar o filme durante muito tempo. No terceiro momento do filme, Manimekhala se torna uma cineasta, investigando a fundo as histórias e documentos ligados ao filme. O desfecho se dá com o encontro entre a jovem sensível e a Dalit Vellayammal, numa profunda jornada de autoconhecimento. As três narrativas, marcando três diferentes períodos de tempo, entrelaçam-se para contar uma história de opressão, desafio, de amor e da busca por ele. Uma história sobre arte, sacrifícios e de espíritos rebeldes. Um filme sobre o próprio fazer cinematográfico.

DIRETOR

T.V. Chandran



Nascido em Tellicherry, Kerala, TV Chandra é diretor, roteirista, produtor e ator muito conhecido pelos filmes de temáticas políticas e feministas. Começou sua carreira como ator, em 1975, na premiada obra de P.A. Baker, *Kabani Nadi Chuvannappol*. Possui extensa cinematografia, com quatorze longas-metragens, além de diversos documentários. A estréia como diretor foi em 1981 com *Krishnan Kutty*. Sua terceira e bem sucedida experiência com o filme *Alicinte Anveshanam* (1989) lhe rendeu uma indicação para o prêmio leopardo dourado no Festival de Locarno, em 1993. O filme *Dança da Vida* (*Adum Kothu*) de 2006, foi premiado nacionalmente. Seus filmes posteriores, receberam críticas muito favoráveis e inúmeras premiações em festivais nacionais e internacionais, e hoje é um dos mais premiados diretores do estado de Kerala.



FILMES DA MOSTRA

DOCUMENTÁRIOS



FILME Dagar
DIRETOR: Aravind Sinhá
ANO: 2006
IDIOMA: Híndi
Cor, 63min, 35mm

L

Dagar é uma lenta jornada meditativa sobre vida e as tradições dos Dagars, que vêm praticando dhrupad, estilo tradicional de canto, por 20 gerações. A fusão da densidade da herança musical dos Dagars com os novos sons contemporâneos proporcionam momentos de deleite e profundo encantamento.



FILME Pravahi
DIRETOR: Arun khopkar
ANO: 2005
IDIOMA: Híndi
Cor, 30min, 35mm

L

Pravahi é um filme que documenta a dança de Alarmel Valli, uma das mais famosas dançarinas Bharatnatyam da Índia. O foco da obra está em descrever a arte de Valli através dos olhos de um perito, que saboreia cada detalhe da dança. A riqueza das imagens, a iluminação e os ângulos da câmera são recursos utilizados com a intenção de proporcionar ao espectador, uma visão privilegiada dessa antiga arte.



FILME Kalamandalam Gopi
(An Air of Immortality)
DIRETOR: Adoor Gopalakrishnan
ANO: 2000
IDIOMA: Malayalam
Cor, 43min, 35mm

L

Hoje, Kalamandalam Gopi, um renomado artista de Kathakali, está no apogeu de sua carreira e é considerado um dos melhores de todos os tempos em sua arte. Como muitos grandes artistas, Gopi teve uma infância marcada pela pobreza e trabalho árduo. Mas graças à benevolência de duas famílias Namboodiri, Kalamandalam Gopi foi iniciado na arte de Kathakali. Ele desenvolveu seus estudos em Kerala Kathamandalam, a mais importante instituição de treinamento de Kathakali, fundada pelo grande poeta Vallathal. No filme, Gopi é apresentado em primeira pessoa. O espectador acompanha suas transformações nos mais diversos personagens e momentos raros de sua vida pessoal. O artista interpreta todos os tipos de papéis: pacha, kathī ou kari. Os apreciadores de seu trabalho o preferem representando personagens pacha (heróicos e nobres), os quais desempenha com maestria. Gopi não separa sua arte de sua vida e gostaria de morrer no palco representando.

O CINEMA INDIANO

O cinema da Índia consiste nos filmes produzidos em regiões com idiomas e cultura cinematográfica específicas, tais como: Andhra Pradesh, Assam, Gujarat, Haryana, Jammu e Kashmir, Karnataka, Kerala, Maharashtra, Orissa, Punjab, Tamil e Bengala.

No século 20, a indústria indiana, a exemplo de Hollywood e do cinema chinês, tornou-se mundialmente conhecida. As inovações tecnológicas na produção e eficientes sistema de distribuição contribuíram para que o cinema indiano expandisse seu mercado interno e externo em mais de 90 países. A presença em inúmeros festivais internacionais projetou grandes diretores como Satyajit Ray, Mrinal Sen, Adoor Gopalakrishnan, Girish Kasaravalli, Shekhar Kapur, Mira Nair entre outros.

No intuito de difundir a cultura e o mercado cinematográfico indianos, o governo indiano estabeleceu delegações no estrangeiro, a exemplo dos EUA e do Japão. As primeiras premiações internacionais vieram em 1959 e 1963, durante os festivais do Cairo e da Indonésia, respectivamente.

Todas as indústrias indianas são fundamentadas na iniciativa privada e no mercado das grandes produtoras, recebendo pouco apoio financeiro do governo. O cinema indiano se auto sustenta, pois cada produção é mais um produto lançado no mercado que conta com as numerosas bilheterias dos milhares de cinemas espelhados pela Índia e demais países da Ásia dominados pela indústria indiana do cinema. A TV e o mercado de DVDs também fazem parte dessa indústria e são importantes canais de distribuição dos filmes após sua longa temporada nos cinemas.

A Índia hoje é considerada a maior produtora de filmes do mundo com lucro na casa de 1.3 bilhões de dólares no ano 2000. O potencial comercial é tal que dos 2961 títulos produzidos em 2009, 1288 eram longas metragens com apelo comercial. Tamanha estrutura atraiu a atenção de grandes companhias internacionais como Walt Disney Pictures, Sony Pictures, Warner Bros e 20th Century Fox.

Atualmente o cinema indiano está passando por uma transformação, com a nova geração de realizadores e a abertura de mercados. O filmes longos e a mistura de gêneros, utilizados principalmente na fórmula Bollywood de fazer cinema, não contribuiu nas últimas décadas para que o cinema indiano conquistasse o mercado internacional ocidental. Apesar de existir, é claro, sua legião de fãs. O que percebe-se hoje, é que o cinema indiano paralelo, que vai além de Bollywood, tem contribuído para propagar a cinematografia da Índia internacionalmente, com a presença consistente de diretores “independentes” (que pertencem as demais indústrias de cinema) em festivais internacionais, construindo um caminho propício e diverso, abrindo pontes para as co-produções internacionais e para disseminar o cinema indiano ao redor do mundo.



Indústrias Indianas de Cinema

Cinema Bengali

Cinema Bengali se refere às produções cinematográficas realizadas no idioma bengali, na região do nordeste da Índia, tendo a base da indústria estabelecida na cidade de Calcutá. O cinema Bengali data de 1890, quando os primeiros bioscópios, dispositivos de projeção a partir de lanternas mágicas, chegaram a Calcutá. Os primeiros passos na criação dessa indústria seriam dados por Hiralal Sen, considerado um dos primeiros diretores do cinema indiano, quando implementou a Royal Bioscope Company com cenas de inúmeros espetáculos populares. Posteriormente, Dhiendra Nath Ganguly criou a Indo British Film Company, a primeira indústria bengali em 1918. Porém, o primeiro filme bengali, Billwamangal de 1919, foi produzido pela Madan Theatre Production de Jamai Shashthi, também responsável pelo primeiro filme bengali falado. O cinema mudo na indústria bengali estendeu-se de 1919 a 1930. O cinema falado surge em 30 de dezembro de 1931, com o filme Dena Paona, exibido pela primeira vez no Chitra Cinema Hall, em Calcutá. De lá para cá, a importância do cinema bengali só fez crescer, projetando grandes cineastas no cenário internacional, como o renomado Satyajit Ray, vencedor da academia indiana de cinema e da Legião de Honra, na França. Entre as produções bengali de expressão, a Trilogia de Apu (Trilogy of Apu), é reconhecida como uma das grandes produções indianas de todos os tempos. O mercado cinematográfico bengali, a partir dos anos 2000, expandiu seu público em 340 milhões de espectadores, carecendo, porém, de uma rede de distribuição mais eficaz, pois de 50 filmes produzidos, apenas 30 chegam aos cinemas.

Cinema Hindi

Bollywood é o termo informal usado para denominar a Indústria cinematográfica híndi, estabelecida em Mumbai, sendo uma derivação de Bombay, antiga denominação de Mumbai e Hollywood, nos EUA. A expressão é incorretamente usada para se referir à indústria cinematográfica indiana como um todo, sendo somente uma parte do total de indústrias regionais existentes na Índia, correspondendo à cerca de 30% de toda a produção indiana anual. Bollywood é um dos maiores centro de realização cinematográfica na Índia, e no mundo. O termo Bollywood foi lançado por jornalistas americanos e tem sido utilizado e difundido pela mídia internacional. Esse nome traz controvérsias, e não é apreciado por muitos profissionais do cinema da indústria Híndi.

O filme Raja Harishchandra de 1913, dirigido por Dadasaheb Phalke, primeiro filme mudo da Índia, marca o início da indústria cinematográfica indiana. Nos anos 30, já eram produzido mais de 200 filmes por ano. O primeiro filme falado foi Alam Ara, de 1931, dirigido por Ardeshir Irani, um sucesso comercial que contribuiu para que rapidamente Bollywood incorporasse o som em suas produções. Entre 1930 e 1940, o cenário político indiano era pleno de conturbações com os efeitos da Grande Depressão, da Segunda Grande Guerra, do Movimento Indiano de Independência e a violência do período de Partição da Índia. Os filmes bollywoodianos daquele momento foram marcadamente escapistas, apesar da realização de alguns cineastas que buscaram confrontar o duro contexto social do país. A era de ouro do cinema Hindi se situou entre as décadas de 40 e 60, quando foram produzidas algumas das mais importantes obras. Os anos 60 e 70 marcaram a entrada dos filmes de romance e ação, e nas décadas de 80 e 90 surgem os musicais românticos e de temáticas familiares. A entrada no século 21 registrou o crescimento da popularidade da indústria de Bollywood em todo o mundo, com produções de qualidade incontestável e de avançadas técnicas em efeitos especiais e animações. A marca da indústria bollywoodiana é focar massivamente sua produção em filmes cujas temáticas tenham um apelo para o grande público, registrando, proporcionalmente, grande arrecadação de bilheteria e mais de 250 filmes produzidos anualmente.



Cinema Malayalam

O cinema de Kerala ou Malayalam se refere aos filmes produzidos no estado de Kerala, cuja língua é o malayalam. O primeiro filme mudo malayalam produzido foi Vigathkumaram, em 1930, dirigido por J.C. Daniel, considerado o pai do cinema nessa indústria. A era do cinema falado começa com o filme Balan, de 1938. J.C. Daniel fundou o primeiro estúdio em Kerala, The Travancore National Pictures Limited.

Durante a década de 70 surge o movimento do Novo Cinema Malayalam, formado por um grupo de jovem cineastas, inspirados nas obras de diretores franceses, italianos, russos e até mesmo Glauber Rocha. Nesse período, o cineasta Adoor Gopalakrishnan desponta com seu primeiro filme, Swayamvaram, de 1972, em meio à efervescência dos jovens artistas que viam no cinema malayalam uma ferramenta poderosa para mudar a sociedade. Por conta dos baixos orçamentos, essa indústria introduziu técnicas de produção criativas para contornar as dificuldades. Os anos 80 presenciam afirmação de Adoor Gopalakrishnan, como importante e premiado diretor, em plena era de ouro do cinema malayalam.

O início do século 21 marca o surgimento de uma nova linguagem, com novos talentos como Shaji N. Karun, TV Chandran, Sukumaran Nair, entre outros, que trouxeram a experimentação na linguagem cinematográfica. O mercado de cinema de Kerala, o menor estado da Índia em tamanho, porém o mais populoso, possui uma indústria cinematográfica que produz cerca de 80 filmes anuais, distribuídos nas 180 salas de cinema do estado, com capacidade para cerca de 500 pessoas. Essa indústria encontra-se em expansão pela Índia e países vizinhos, principalmente no oriente médio, Estados Unidos, Áustria, Suíça e Alemanha. O cinema Malayalam está entre as maiores indústrias indianas, com marcante presença nos festivais nacionais e internacionais.



Cinema Marathi

Cinema Marathi é a expressão utilizada para caracterizar os filmes produzidos na língua marathi do estado de Maharashtra, Índia. É considerada a mais antiga e a pioneira indústria cinematográfica da Índia. A primeira produção foi Raja Harishchandra, um filme mudo de 1913, dirigido pelo legendário Dadasaheb Phalke, com elenco de artista marathi tradicionais. O primeiro filme falado viria quase duas décadas depois com “Ayodhyecha Raja”, de 1932.

A indústria Marathi conheceu seu ápice entre as décadas de 60 e 70, com filmes baseados em artes populares, e as sátiras sociais e políticas. Já na década de 80 presenciou o boom dos filmes de herói e o aprimoramento técnico, como a introdução do som Dolby Digital.

Se o teatro Marathi paulatinamente conquistou reconhecimento e importância, o mesmo não aconteceu com a indústria cinematográfica local que não conseguiu imprimir sua marca. Um dos fatores apontados seria proximidade de Bollywood, que acabou incorporando também a identidade marathi em seus filmes, além da fraca rede de distribuição, a falta de bons investidores e a ascensão dos canais de TV privados. A recuperação aconteceu há alguns anos, com o Novo Cinema Marathi, de jovens diretores e roteiristas que trouxeram um novo fôlego e frescor em histórias aclamadas por crítica e público, e premiadas mundo a fora.

Cinema Kannada

A maior parte dos filmes é falada em idioma kannada, sendo que alguns em konkani ou tulu. Em 1934, foi lançado o primeiro filme kannada falado, Sati Sulochana. A década de 50 marcou um período de declínio da indústria, mesmo com alguns sucessos comerciais. As décadas de 70 e 80 marcaram o período áureo da indústria kannada e o surgimento do cinema alternativo, tendo como figura central a obra do diretor Puttanna Kanagal, pioneiro num estilo que estabeleceu uma ponte entre o cinema comercial e o independente.

Atualmente, a indústria kannada é responsável por vários campeões de bilheteria do cinema indiano, com mais de 100 produções anuais, exibidas em países como EUA, Austrália, Alemanha e Grã Bretanha, entre outros. Entre os grandes nomes do cinema Kannada está o renomado diretor Girish Kasaravalli, que tem dado grande contribuição à organização e difusão do cinema Kannada no circuito dos festivais internacionais.

Cinema Telugu

O cinema de Andhra Pradesh, também conhecido como Cinema Telugu é uma grande indústria cinematográfica regional indiana, sediada entre Chennai e Hyderabad.

A indústria telugu surgiu em 1912 com filmes mudos centrados essencialmente em temas religiosos. O primeiro filme falado foi Bhakta Prahlada, dirigido por H.M. Reddy, tornando-se rapidamente um sucesso comercial. A resposta positiva do público permitiu que a partir de 1936, os cineastas se afastassem das temáticas religiosas e mitológicas, surgindo os “filmes sociais”. No período da Segunda Guerra Mundial, um momento tenso na história indiana com os movimentos de independência, houve uma redução significativa na produção de filmes. Atualmente o cinema telugu é uma forte indústria do cinema indiano, e realiza cerca de 200 filmes por ano, e possui o maior estúdio de cinema da Ásia, chamado Ramji Studio, utilizado para a realização de grandes produções de diversas indústrias indianas.

Cinema Tâmil

A indústria cinematográfica Tâmil se refere aos filmes produzidos em língua Tâmil, sediada em Chennai, capital do estado de Tâmil Nadu no sul da Índia. É reconhecida como a segunda maior indústria do setor, em termos de produção e distribuição com crescentes espectadores em várias regiões do país. Filmes mudos começaram a ser produzidos em 1917, os falados entraram em cena em 1931. Já nesse período inicial a indústria exerceu uma enorme influência em outros polos cinematográficos. Atualmente, os filmes tâmil são distribuídos em cinemas do Sri Lanka, Singapura, África do Sul, Malásia, Japão, Oceania, Oriente Médio, Europa Oriental e América do Norte, atingindo também as populações tâmil que vivem fora da Índia que vivem nesses países.

Já nas primeiras produções percebeu-se a grande influência do cinema nas manifestações culturais, contribuindo para o surgimento de uma cultura cinematográfica, que suscitou a criação de inúmeros espaços de formação profissional e pesquisa da linguagem audiovisual. O Instituto Cinematográfico Madras foi a primeira escola de cinema da Índia junto com o Instituto de Televisão e Cinema de Pune e o Instituto Satyajit Ray de Filme e Televisão – Kolkata. Um Instituto Indo-Russo está prestes a iniciar as atividades. A influência do cinema no estado de Tâmil Nadu é tão forte, que a maioria de seus grandes políticos são advindos do cinema. Os atores tornam-se grandes personalidades, muitas vezes idolatrados como verdadeiros deuses.





FILME Cidade da Seda (Kanchivaram)

Ficha Técnica

PATROCÍNIO
Banco do Brasil

REALIZAÇÃO
Centro Cultural Banco do Brasil

ORGANIZAÇÃO
Tantri Arte e Cultura

COORDENAÇÃO GERAL
Carina Bini

CURADORIA
Ananda Jyothi

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Carina Bini

PRODUÇÃO LOCAL
Marina Gante
Ludymilla Van Lammeren
Cris Lustosa

CRIAÇÃO DE TEXTOS
Micheli Shinkai

EDIÇÃO DE TEXTOS
Rubens Shinkai

EDIÇÃO CATÁLOGO
Leo Calvão

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Monica Riani

REDES SOCIAIS
Tukka VillaLobos

DESIGN MARCA FESTIVAL
Brand Foi Creatif

PROGRAMAÇÃO VISUAL
Antonia Ratto design

VINHETA
Pinto Varkey

LEGENDAGEM ELETRÔNICA
Miroir Legendas

COORDENADOR EQUIPE DE LEGENDAS
Miguel do Rosário

TRADUTORES
Paula Haas Ornelas
Claudia Koschel
Letícia Bicicreta
Shai Sato
Larissa Carvalho
Ricardo Marchiori
Camila Pavenelli
Fabio Menezes
Gilson Sampaio
Silvana Marques

LANÇADOR DE LEGENDAS
Márcio Bertoni

REVISÃO DE CÓPIAS
Cristiana Miranda

DESPACHANTE ADUANEIRO
Athos Logistics

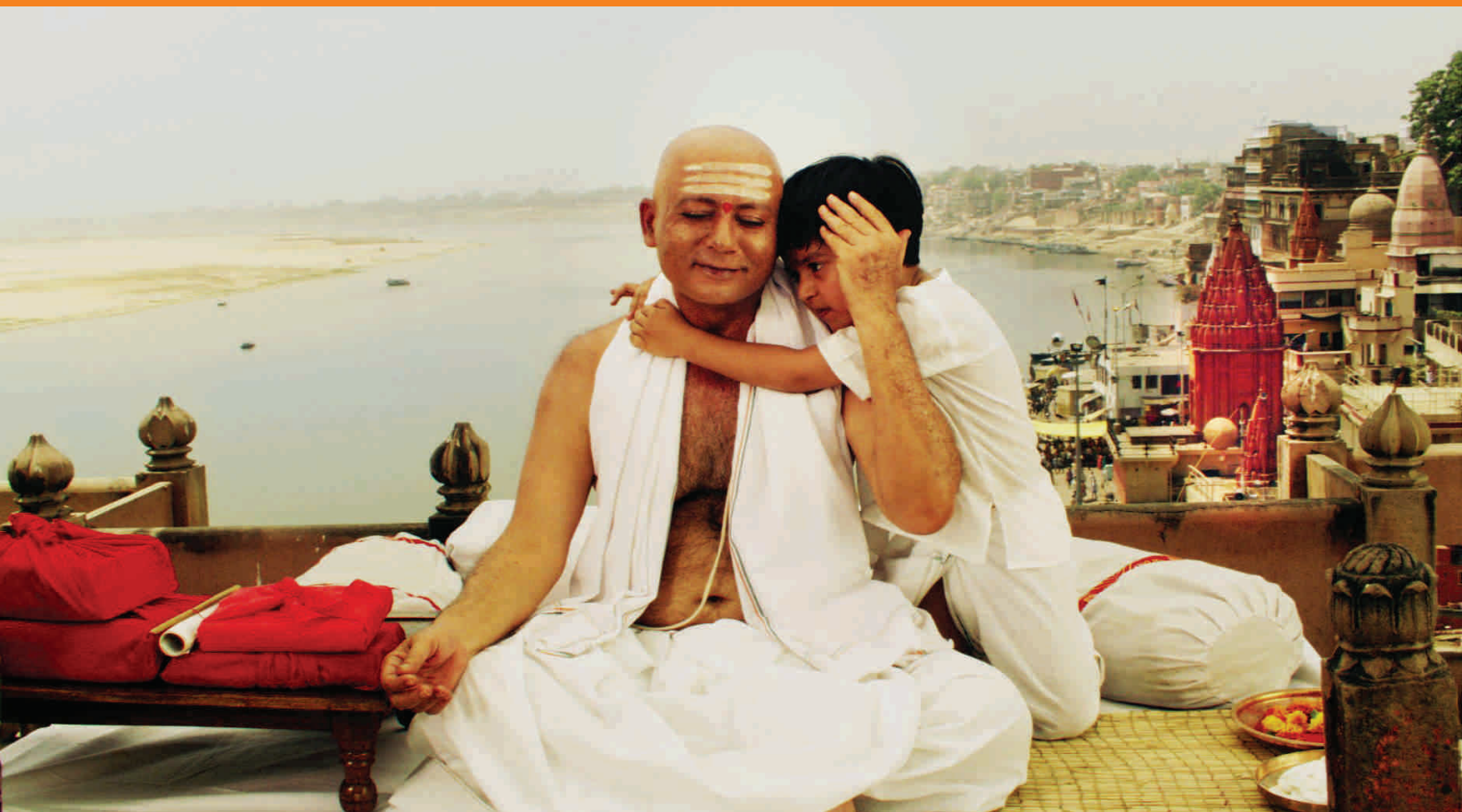
TRANSPORTE CÓPIAS
Prakash Freight Limted

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
Sr. B.S. Prakash (Embaixador da Índia)
Sr. Shankar Mohan (Diretor IFFI - ÍNDIA)
Sr. Samuel Barrichello Conceição (SAV - Minc)
Cinematheca Rio de Janeiro - MAM
Priscila Miranda (Tucumán Filmes)

www.bhavacinemaindiano.com



www.bhavacinemaindiano.com



Rua Álvares Penteado, 112 – Centro – SP
Próximo às estações Sé e São Bento do Metrô
Tel: (11) 3113-3651 / 3113-3652

Estacionamento conveniado: Rua da Consolação, 228 (Ed. Zarvos),
com transporte gratuito até as proximidades do CCBB

bb.com.br/cultura facebook.com/ccbbsp – twitter.com/ccbb_sp

SAC 0800 729 0722 / Ouvidoria BB 0800 729 5678 Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088.

Apoio Institucional

Patrocínio

Realização



संस्कृति ज्योति
**Embaixada
da Índia**



Ministério da
Cultura

